

O LUTO E A MEMÓRIA AFETIVA NA OBRA *MORRESTE-ME* DO ESCRITOR PORTUGUÊS JOSÉ LUÍS PEIXOTO¹

THE GRIEF AND AFFECTIVE MEMORY IN THE BOOK *MORRESTE-ME* BY THE PORTUGUESE-SPEAKING WRITER JOSÉ LUÍS PEIXOTO

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e17915

Chirley Domingues²
Mário Abel Bressan Júnior³
Valdemir Soares dos Santos Neto⁴

Resumo: O artigo tem por objetivo discutir as noções de memória e memória afetiva, em *Morreste-me*, de José Luís Peixoto. A análise se constrói a partir de evidências da interferência do luto no processo de evocação das lembranças e da constituição das memórias afetivas. Acredita-se que há uma tentativa do narrador em constituir uma memória afetiva sobre a figura paterna. Compreende-se que a memória não é estável e, ainda que o narrador apresente os recortes essenciais como forma de enquadrar e “imortalizar” essa memória, entende-se que a memória é seletiva e depende do tempo presente para que as lembranças sejam retrabalhadas.

Palavras-chave: José Luís Peixoto. Luto. Memória. Memória Afetiva.

Abstract: The article aims to discuss the concepts of memory and affective memory in "Morreste-me" by José Luís Peixoto. The analysis is constructed based on evidence of the interference of mourning in the process of recalling memories and forming affective memories. It is believed that the narrator attempts to establish an affective memory of the paternal figure. It is understood that memory is not stable, and even though the narrator presents essential fragments as a means to frame and "immortalize" this memory, it is perceived that memory is selective and relies on the present time for memories to be reworked.

Keywords: José Luís Peixoto. Grief; Memory; Affective Memory.

¹ Artigo desenvolvido para a disciplina de Teoria Literária.

² Possui graduação em Letras com habilitação em Português/Francês pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Mestrado em Literatura Brasileira - UFSC. Doutorado em Educação - UFSC, com ênfase no Ensino e Formação de Educadores, e doutorado sanduíche na Universidade de Évora (UE), em Portugal. Atua como professora e Pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - PPGCL/UNISUL, na linha de pesquisa Linguagem e Cultura. É professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina - PPGE/UNISUL. E-mail: chirley.domingues@unisul.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7416-0977>.

³ Possui graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), mestrado em PPG em Ciências da Linguagem pela UNISUL e doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor titular da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), atuando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL). E-mail: marioabelbj@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8309-1723>.

⁴ Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Bolsista CAPES/PROSUC. Possui especialização em Comunicação, Marcas e Consumo pela Universidade Anhembi Morumbi. Graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). E-mail: valdemirnetto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2512-1100>.

Introdução

Morreste-me é a primeira obra do autor lusófono, José Luís Peixoto, que figura entre os mais expressivos nomes da literatura portuguesa da atualidade. Ao longo de sua trajetória, o escritor tem acumulado prêmios importantes como o Prêmio José Luís Saramago (2001), Prêmio de Poesia Daniel Faria (2008) e o Prêmio Oceano (2016), o que evidencia a qualidade da sua escrita.

Na obra selecionada para a construção da análise encontramos uma narrativa que, a começar pelo título, como resalta Reginaldo Pujol Filho (2017), traz a poesia da inversão. A linguagem poética de Peixoto se amplia em todos os sentidos numa narrativa tecida com as lembranças da relação entre pai e filho. Trata-se de uma escrita que dá voz ao luto externalizado ao leitor em um relato sofrido, fruto das experiências afetivas que o filho, assumindo a figura do narrador, carrega na memória.

Em *Morreste-me*, narrativa que se faz relato e memória, o luto e a ausência do pai lançam o narrador em um espaço de orfandade no qual ele “entra como se caísse. Vertiginosamente. Atiro-me neste poço, no fundo que não se vê deste poço” (Peixoto, 2020, p. 29). O relato feito pelo filho retrata a necessidade de seguir existindo sem a presença do pai. Um caminho longo e sofrido do qual nós leitores, filhos que somos, compartilhamos, na medida em que nos identificamos com a possibilidade da morte, sobretudo se considerarmos o ciclo natural da vida e a perda dos pais.

Sempre com certa dramaticidade, e uma riqueza de detalhes em torno de suas lembranças, o narrador evidencia a ânsia pela “imortalização” suas memórias como uma promessa ao falecido pai. É a tentativa de transferir e projetar suas memórias usando a escrita enquanto um processo de contemplação de suas lembranças. Nesse ato de contemplação do passado, as memórias desse narrador são trazidas à tona e, com elas, o medo do esquecimento – é o que dá condição de existência da narrativa.

A partir dessas experiências compartilhadas pelo narrador, acreditamos que a obra nos possibilite compreender os processos constitutivos da memória, a partir das postulações teóricas dos estudos sobre o tema. Sob nossa análise, observamos que a narrativa apresenta, em diversos momentos, pontos interessantes que evidenciam as interrelações entre a memória e o processo da escrita nessa tentativa do indivíduo em cristalizar as suas lembranças. Diante dessas incursões do narrador, buscaremos problematizar algumas noções sobre o funcionamento da memória.

Neste sentido, o presente artigo tem por objetivo discutir as noções de memória e memória afetiva na obra *Morreste-me*, a partir das noções de memória coletiva de Halbwachs (2003), memória e identidade de Pollak (1992) e as relações entre o passado e o presente com base nos escritos de Huyssen (2000). Pretendemos discutir as ideias acerca da memória coletiva e memória individual e o papel do narrador na obra, diante deste exercício de escrita e vivência do luto com vistas a compreender a constituição dessa memória.

Neste estudo, refletimos sobre o modo como a obra atua como um espaço evocador de lembranças afetivas. São movimentos que permitem com que as memórias do leitor se intercambiem junto aos relatos da memória do narrador e, sobretudo as memórias do autor que são confrontadas e atualizadas no processo de escrita do narrador.

1 A memória individual e coletiva

A memória fascina diversos campos de análise e são muitas as perspectivas que empreendem a memória, enquanto um fator simbólico, social e cultural. Neste estudo pretendemos trabalhar com os conceitos basilares de memória a partir das noções de memória coletiva de Halbwachs (2003), memória e identidade de Pollak (1992) e as relações entre o passado e o presente com base nos escritos de Huyssen (2000).

Influenciado a partir dos escritos halbwachianos, Pollak (1992) focaliza aspectos relacionados às lembranças individuais e, principalmente, o caráter psíquico da memória. Faz-se importante destacar que, para ambos os autores, a memória é percebida enquanto um fenômeno coletivo, uma construção social e, para tanto, sempre se trata de uma atualização do passado sob a ótica do tempo presente (Rios, 2013). Os escritos dos referidos autores confluem de maneira precisa em diversos momentos. Pollak (1992) complementa, discute e observa questões abordadas ao longo do percurso de Halbwachs (2003) a respeito da teoria sobre memória coletiva.

Toda e qualquer percepção que um indivíduo constitui sobre um determinado acontecimento resulta de um movimento em que a memória pode, em muitos casos, ancorar-se em outras lembranças que são da ordem do coletivo. Rios (2013, p. 9) argumenta que os escritos de Pollak (1992) entendem que “o indivíduo também é capaz de formar e acessar memórias, participando ativamente da construção das recordações dos grupos. O sujeito administra as influências que lhe chegam de fora a fim de construir suas próprias recordações”.

À luz dos estudos halbwachianos (2003), as memórias individuais se depreendem da possibilidade de serem compreendidas como memórias exclusivamente ou estritamente

individuais ao indivíduo. Schmidt e Mahfoud (1993) analisam que, com base nos escritos de Halbwachs (2003), as lembranças individuais sempre se constituem a partir da sua relação de pertença a um determinado grupo, o que Halbwachs (2003) define como os quadros de referências. Para o autor, como as memórias são sempre estruturadas e reconstruídas dentro de contextos sociais e culturais os quais um indivíduo transita.

A memória individual se configura, assim, como um ponto de convergência que recebe diferentes influências e interferências sociais. Ou seja, um indivíduo que toma para si percepções tão somente individuais em relação a um fato ou acontecimento, elabora as suas lembranças sempre a partir da perspectiva dos quadros de referência ou dos grupos sociais que pertence. Como defende Duvignaud (1990, p. 9), seria “impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomamos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de pontos de referência nesta reconstrução que chamamos memória”.

Nesse sentido, “o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito” (Schmidth & Mahfoud, 1993, p. 288). Em outras palavras, os quadros de referência estão sempre presentes para o indivíduo, ainda que o mesmo não esteja na presença dos demais membros que o constituem. Este trata-se de um ponto importante abordado por Halbwachs (2003) em sua tese.

Dentro de suas postulações, a teoria halbwachiana esclarece que a memória coletiva é uma espécie de força onipresente. Isto é, não se faz necessário que todos os indivíduos que constituem um determinado quadro de referência estejam presentes para dar força a essa memória coletiva. Pollak (1992) apresenta certa divergência a esse ponto. Segundo Rios (2013, p. 9), os escritos do autor defendem que o indivíduo

não se encontra totalmente submetido aos “quadros sociais da memória”. De fato, as lembranças dos indivíduos e grupos se organizam em torno de alguns pontos mais ou menos estáveis, que conferem ordem às suas representações. Contudo, o poder de agência dos indivíduos também se faz presente e deve ser considerado.

De tal modo, subentendemos aqui que as memórias coletivas de um determinado grupo também se ancoram nas memórias individuais e, assim, percebemos uma retroalimentação entre o coletivo e o individual. Neste esforço de compreender os aspectos intrínsecos as teorias abordadas entendemos que, ao compartilhar as percepções individuais com os demais membros de um determinado grupo, a memória coletiva passa a receber influência de maneira que novas

percepções sejam reconstituídas no cerne daquela comunidade, o que evidencia o caráter transitório da memória, como descrito por Pollak (1992).

Tal movimento descrito por Halbwachs (2003) indica que a memória coletiva pertencente a um grupo não deve ser entendida como algo estável. A memória coletiva de um determinado grupo torna-se possível, pois, os demais membros que a constituem estão ligados pela memória e pelas relações existentes que garantem tal existência. Schmidt e Mahfoud (1993, p. 289) argumentam que a “lembrança é sempre o fruto de um processo coletivo, na medida em que necessita de uma comunidade afetiva”. Portanto, são as comunidades afetivas que permitem “atualizar uma identificação com a mentalidade do grupo no passado e retomar o hábito e o poder de pensar e lembrar como membro do grupo” (Schmidt; Mahfoud, 1993, p. 289).

Le Breton (2009, p. 111) postula que o “homem está afetivamente presente no mundo”, pois, este encontra-se “inserido no mundo como um objeto atravessado de sentimentos passageiros. Intricado em suas ações, suas relações com os outros, com os objetos que o entornam, com o seu meio, etc., ele está permanentemente sob influência dos acontecimentos e sendo por eles tocados”.

Para o autor,

a afetividade simboliza o clima moral que envolve em permanência a relação do indivíduo com o mundo e a ressonância íntima das coisas e dos acontecimentos que a vida quotidiana oferece sobre uma trama descontínua, ambivalente e inatingível por conta da complexidade de seu mosaico (Le Breton, 2009, p. 113).

Ora, ainda que seja o indivíduo quem lembre, ele se lembra, se recorda, sempre da perspectiva de um ou mais grupos sociais⁵ (Halbwachs, 2003). Com base no testemunho, na oralidade, na transmissão de histórias, podemos enxergar as lembranças que compõem esse fio da memória, como destaca Halbwachs (2003). Ao retornar ao seu próprio passado, um indivíduo formula sua(s) própria(s) narrativa(s), mas como um processo de identificação e confrontação com o seu passado a partir da perspectiva dos grupos de referências (Halbwachs, 2003). Sob à perspectiva de Pollak (1992), os relatos podem se ancorar em suas próprias convicções ou em opiniões alheias, nas referências que regem aquele determinado grupo, nas histórias que foram a ele repassadas, retransmitidas (Schmidt; Mahfoud, 1993).

⁵ No caso da relação que estabelecemos aqui com a obra literária, a relação entre pai é, sob a perspectiva teórica elucubrada neste texto, um quadro social de referência. As lembranças se organizam a partir desta referencialidade, ainda que o pai não esteja mais presente.

Neste processo de constituição e reconstituição das memórias individuais e coletivas, Pollak (1992) defende que tal movimento se encontra condicionado à presença de três elementos: pessoas, personagens e os lugares de memória. A presença destes elementos pode ser em decorrência dos acontecimentos vividos ou dos acontecimentos “vividos por tabela”. Os acontecimentos vividos constituem, supostamente, a memória vivida, defendida por Halbwachs (1990), e se organiza por meio de fatos e situações vividas no cotidiano. Os acontecimentos vividos por tabela se referem às lembranças que são heranças pertencentes ao grupo o qual o indivíduo encontra-se inserido. “São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (Pollak, 1992, p. p. 2).

Pollak (1992) também defende que as memórias individuais e coletivas são formuladas com base no testemunho dos outros, na qual que existe um trabalho de “transferências⁶, projeções⁷”. Neste sentido o autor postula que “a memória é uma reconstrução do passado realizada a partir dos interesses e preocupações dos grupos e indivíduos no presente” (Rios, 2013, p. 9). Por outro lado, as memórias também são herdadas, aspecto bastante discutido por Pollak (1992). O autor defende que não é preciso vivenciarmos um determinado período ou um acontecimento para constituirmos nossas lembranças sobre tal período. Pelo testemunho do outro, as memórias também podem ser transferidas, como se num processo de confabulação, constituíssemos as nossas lembranças a partir das forças que operam nessa relação do indivíduo com a sociedade.

Ora, se “destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis” (Pollak, 1992, p. 5). Para o autor, determinados acontecimentos são capazes de marcar as lembranças em que existe um processo de solidificação dessas lembranças vividas, tornando, assim, parte da “própria essência da pessoa”. É o caso das memórias afetivas, por exemplo.

Outro aspecto a considerar é o caráter seletivo da memória. Para Pollak (1992), nem todos os acontecimentos vivenciados ou os conhecimentos adquiridos dentro dos nossos quadros sociais são empreendidos pela nossa memória. A teoria de Pollak (1992) apresenta uma

⁶ Sob à perspectiva da psicologia, a transferência é o deslocamento do sentido atribuído a pessoas do passado para pessoas do nosso presente executada pelo nosso inconsciente.

⁷ Para a psicanálise, a projeção se trata de um mecanismo de defesa psíquico para que possamos nos proteger daquilo que a gente não pode lidar.

ligação interessante com a psicanálise para tratar desse “recalcamento” da memória. O recalque é justamente isso que a memória exclui, silencia. A memória é, portanto, seletiva. Acontece que alguns fatos, lembranças, pode apresentar uma força maior, ou uma carga afetiva maior, em detrimento de outros de menor importância para o sujeito. Nesse sentido, Pollak (1992, p. 5) defende que existe neste processo, evidentemente, um “verdadeiro trabalho de organização” da memória, e que “podem tanto ser conscientes como inconscientes”.

Nessa perspectiva, Pollak (1992) demonstra que as nossas memórias são influenciadas pelo olhar do outro, pelo modo de identificação com essas narrativas e, portanto, a memória se torna um local, um espaço de conflitos e interesses. A questão da identidade e da memória social é amplamente discutida por Pollak (1992). Entende-se que “o processo de constituição das lembranças pode dar lugar a invenções, confusões, imprecisões, projeções, e incoerências, o que pode ocorrer de modo deliberado ou não, envolvendo ainda silêncios e esquecimentos, que se dão de modo consciente ou inconsciente” (Rios, 2013, p. 9)

Pollak (1989) destaca que é praticamente impossível um indivíduo recuperar, com certa exatidão, as lembranças que constituíra outrora. Assim, tanto Pollak (1989) e Halbwachs (2003) rechaçam a ideia de uma memória que seja puramente vivida, sem deixar-se contaminar pelo presente, por forças extrínsecas a ela. O presente é a força motriz que dá condições de existência dessas lembranças. Por sermos indivíduos, seres pensantes, e que estamos afetivamente presentes no mundo, nosso *habitus* muda constante conforme os nossos repertórios culturais. A cada vez que recordamos de algo, retrabalhamos os traços de nossas lembranças, adicionando, silenciando e recalçando outros traços.

Sob tal perspectiva, não podemos proclamar a existência de um caráter estável da memória. Sobretudo, tal entendimento ganha sustentação quando discorremos a respeito das memórias traumáticas, que compreender a dor, o luto, o sofrimento. Pollak (1989) acredita que as experiências traumáticas, por exemplo, interferem nesse processo de constituição de nossas lembranças. Conforme propriamente mencionado pelo autor, nem tudo fica gravado em nossa memória. Existem fatos que, ao possuírem uma carga emocional muito maior para um indivíduo do que para o outro, recalcam e excluem outras lembranças. Como em um acidente, um indivíduo pode não se recordar com exatidão de todos os elementos constitutivos àquele momento. Todavia, determinados acontecimentos são mais contemplativos, marcantes, que tendem a se sobressair aos demais.

Nessa discussão, Huysen (2000) apresenta perspectivas relativas ao campo da memória, que confluem para um melhor entendimento sobre modo como o presente influencia

as nossas lembranças Para o autor, além das memórias herdadas por tabela descritas por Pollak (1992) e Halbwachs (2003), existe, também, as chamadas “memórias imaginadas”. Pollak (1989, p. 9) já havia descrito sobre essas interações “entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido”, e que influem na constituição de nossas memórias.

Neste processo de projeção da memória, como defende Pollak (1992), as nossas emoções interferem na constituição das memórias. O indivíduo afetado por um acontecimento, um relato, pode criar possíveis cenários alternativos em uma tentativa de enquadrar as lembranças compartilhadas na memória. Segundo Campos (1992, p. 51), “a memória dá ao homem a ilusão de uma unidade com seu passado, mas o faz sempre da perspectiva do presente” (Campos, 1992, p. 51). Com isso, Huyssen (2000) defende que as memórias, em certa medida, são imaginadas, e parte dessa imaginação advém das instâncias culturais, como a mídia.

Henriques e Musse (2019) defendem, por exemplo, o indivíduo pode não ter vivenciado um momento traumático da história, como o 11 de setembro, conhecido pelo fatídico dia do ataque as torres gêmeas do *World Trade Center*. Todavia, pela força das imagens mediadas pela televisão, dos relatos partilhados por aqueles que vivenciaram este período, tomamos esses fatos, os resquícios dessas lembranças, e constituímos, tal ao modo como estamos presentes afetivamente dentro dos nossos quadros sociais, as nossas memórias imaginadas sobre esse período. É o que afirma Huyssen (2000) ao discorrer sobre a amnésia coletiva e a força das indústrias culturais, o excesso da informação no mundo contemporâneo e, sobretudo, pela nossa obsessão cultural com o passado. À medida que nos lembramos, esquecemos. O medo do esquecimento nos obriga a rememorar e, neste entendimento, as indústrias culturais exercem força nesse processo de abrir e fechar memórias. Sendo assim, a cada vez que retomamos esse passado, a memória adquire novos traços. Afinal, “ninguém recorda e registra exatamente como aconteceu, mas o que restou de lembrança e esquecimento do que se passou” (Henriques & Musse, 2019, p. 138).

Neste sentido, acreditamos que *Morreste-me* apresenta aspectos interessantes que nos permitem observar como o processo de contemplação do passado interferem no processo de constituição das nossas memórias, sobretudo a partir da vivência do luto, que gera um sentimento nostálgico no indivíduo, e que exerce pressão nas lembranças que reconstituímos no tempo presente.

2 A vivência do luto na escrita

Segundo Morin (1997, p. 33), “a ideia da morte [...] é a mais vazia das ideias vazias, pois seu conteúdo é o impensável, o inexplorável [...]. Ela é a ideia traumática por excelência”. Para se pensar nessa complexa relação entre experiência, memória e literatura, a obra *Morreste-me*, de José Luís Peixoto, parece nos dar alguns indícios dessa memória afetiva, e que exprime traços de uma memória tão individual a esse narrador. Assim, para compor a nossa análise, buscaremos ir e vir no texto, visando encontrar pistas que nos ajudem a entender essas nuances da memória individual, afetiva do narrador no que diz respeito a essa vivência do luto.

Esta é uma obra na qual o escritor dá vida a um narrador para expressar seus sentimentos, suas emoções, em relação à perda de um pai. Em um tom quase autobiográfico, o narrador nos convida a navegar em suas “memórias”, que se colocam de forma atônita em diversos momentos.

Logo nos primeiros parágrafos do livro, o narrador alerta: “Regressei hoje a esta terra agora cruel. A nossa terra, pai” (Peixoto, 2020, p. 7). Neste momento, o narrador inicia sua jornada de dor e contemplação ao passado, como se estivesse de volta ao lar; à terra em que jaz as lembranças, tomado por uma nostalgia pungente e contemplativa. Aliás, assim se constitui a nostalgia – nesse retorno ou diante desta possibilidade de retorno ao lar, às raízes, à origem.

Graças a esse retorno é que as lembranças emergem, dessa confrontação com o tempo presente as memórias tomam forma. Mas, além disso, é como se essa nostalgia contemplativa oferecesse os subsídios necessários para que essas lembranças pudessem ser capturadas e tratadas no texto com a mais absoluta devoção a esse sujeito-pai. E é nestes ditames que essa memória a respeito do pai é retrabalhada.

Conforme discutido por Halbwachs (2003), a memória depende do presente para que seja reconstituída. Não existe, para o autor citado, uma memória contida em si, pronta para ser acessada. Toda vez que o indivíduo se recorda, ele recorda a partir da perspectiva do tempo presente, de seus repertórios culturais constituídos ao longo da vida e, também, dos quadros de tabelas nos quais se encontra inserido. Como Pollak (1992) também defende, é preciso que o tempo presente influa sobre esses traços de imagem que carregamos conosco. A memória é sempre transitória, nunca estável.

Em *Morreste-me*, é diante da impossibilidade de preservação das lembranças constituídas entre o pai e o filho que o narrador busca captar essas lembranças que parecem estar à margem do esquecimento, sem que ao menos tivesse a chance de preservar ou imortalizar os “resquícios” do que este pai fora (Peixoto, 2020, p. 25). Entretanto é, também, como se essas

lembranças carregassem um peso; uma carga afetiva tão descomunal que parece assolar a quem escreve, ao pensar nesse esquecimento que se desponta logo ali.

Diante dos relatos que se seguem no texto, sob a perspectiva dos estudos sobre memória, vemos uma tentativa de captura na/pela escrita do luto e das memórias de um pai genuinamente amoroso; a tentativa de cristalizar as lembranças que agora estão “cobertas por madeira e verniz e um crucifixo” (Peixoto, 2020, p. 26). É diante desta aflição do esquecimento, da impossibilidade de regresso ao passado tal como fora, desta dor que se manifesta no texto, que observamos como as lembranças de quem fala sempre se reconstroem a partir da ótica do luto, do tempo presente. Diz o narrador: “não quero e **não posso esquecer** o que outrora senti do teu olhar” (Peixoto, 2020, p. 58 – grifo nosso). Vemos, de tal modo, uma angústia do narrador em se contrapor a esse esquecimento. Ou seja, o narrador expressa uma recusa ao esquecimento.

Em meio aos lampejos da memória, nesse ir e vir do narrador, a literatura aqui parece atuar como um espaço de memória na qual as lembranças, as experiências afetivas, são depositadas. É a forma que este narrador encontrou de tentar enquadrar essa memória. Os lugares de memória, segundo Pollak (1992), funcionam como formas de recordação. Pode ser um museu, um arquivo, um monumento, uma fotografia. Nestes espaços os indivíduos encontram formas de manter as memórias vivas, visto que há uma força simbólica em torno desses artefatos que permitem o acionamento das nossas lembranças.

Nesse sentido, *Morreste-me* parece atuar como um espaço, um lugar de memória. Embora reconheçamos a impossibilidade dessa tentativa de captura das lembranças, partindo de uma lógica arquivística, o narrador exprime suas lembranças pela escrita literária, num esforço de contornar o esquecimento, dar luz às suas lembranças e rememorar a figura do pai que o tivera.

É nos detalhes que o narrador revela o medo do esquecimento. “A cama onde dormiste tantas horas sob a inconsciência dos medicamentos, das morfina que te davam para viver ou para dormir [...] Do quarto, o cheiro escuro podre da doença. O cheiro que ainda hoje senti no quarto abandonado” (Peixoto, 2020, p. 38). Recupera as nuances, os semblantes e os detalhes mais desprezíveis pelo olhar do outro que gera uma certa angústia sobre a veracidade dessas lembranças. Como pode um indivíduo recordar com tamanha exatidão todas essas lembranças?

Ao retornarmos a discussão apresentada acerca do caráter seletivo da memória, nossa primeira incursão no texto literário incide no fato de que todo indivíduo, ainda que afetado pela perda e dor do luto, nunca reconstituirá, tal como acontecera, os traços que compõem essa memória individual e coletiva. O indivíduo pode não recordar com exatidão todos os aspectos

de uma determinada lembrança, de um determinado lugar ou de um determinado acontecimento. Afinal, existem traços que se sobressaem dentro dessas lembranças, e que nos afetam mais em detrimentos de outros que nos afetam em menor intensidade. O próprio tempo é responsável por interferir nas vivências experienciadas ao longo dos anos e na carga emocional que cada lembrança representa para o indivíduo ou para o grupo social o qual se encontra inserido.

Para Le Breton (2009), somos afetados por aquilo que nos move, que nos interpela, a partir das nossas vivências, dos nossos repertórios culturais. Não é preciso a perda de um ente querido para vivenciarmos o luto. Para o autor, os afetos independem de fatos reais, existentes. Um sujeito pode se sentir enlutado pela perda de um familiar apenas pela força do pensamento, da memória ou da possibilidade de perda de um ente familiar. É o que entendemos aqui como uma memória nostálgica, dotada de afecções, que são capazes de suscitar emoções, sentimentos e sensações. É a partir dessas suposições da mente que novas lembranças emergem, a partir desse estado contemplativo do sujeito afetado (Le Breton, 2009).

Nessa direção, os escritos de Le Breton (2009) convergem de maneira interessante com as postulações de Pollak (1992) a respeito das projeções, dos movimentos em que ocorrem a transferência da memória para um outro indivíduo. É o que Pollak (1992) discutirá sobre o trabalho de “transferências, “projeções” em que as memórias individuais e coletivas se constituem e se reconstituem com base no testemunho do outro.

Dentro deste processo de escrita do narrador, existe, sobretudo, uma transferência de lembranças, a qual possibilita que possamos constituir as nossas memórias coletivas a respeito da posição desse pai desconhecido. Como argumenta Pollak (1992), a memória é uma reconstrução do passado. Exatamente o que observamos neste movimento da escrita, da captura desse luto. Existe na narrativa uma carga afetiva nas lembranças que são recuperadas pelo narrador e que parecem modular a memória coletiva sobre a índole, sobre a identidade desse pai. Neste caso, pode-se concordar que existe, portanto, uma tentativa de projeção dessas lembranças que são concatenadas e cortejadas por esse narrador.

O olhar do narrador sobre essas lembranças nos estarrece de tal modo e nos convida a vivenciar pela dor de quem escreve. Somos interpelados pela impossibilidade do regresso, pela dor do luto. Somos afetados por essa memória afetiva, que experiencia o luto na escrita, e que tenta cristalizar, a todo o momento, os altos e baixos de uma relação entre pai e filho. É nesse olhar para o passado, tomado pelo sentimento de contemplação nostálgica, que o narrador tenta capturar o eco nostálgico, a memória desse sujeito-pai. E é na escrita que ele encontra essa

possibilidade de “preservação” dessa memória individual, as lembranças que não lhe pode ser acessada. Assim, no papel, nas linhas deste livro, articulam-se as palavras, os enunciados, as construções parafraseadas pelo narrador, para qualquer que seja o leitor busque, nestes relatos, retrabalhar essas lembranças na constituição dessa memória em relação a esse sujeito-pai.

Obviamente, mais do que transferências e projeções dessa memória individual do narrador, parece residir no texto um sentimento de alívio por parte do escritor em saber que a partilha dessas lembranças, mesmo que se recorra a um narrador capaz de dar força a essas memórias, atenua a dor e o sofrimento de quem fala. Cita o narrador:

Pai, ter a tua memória dentro da minha é como carregar uma vingança, é como carregar uma saca às costas com uma vingança guardada para este mundo que nos castiga, cruel, este mundo que pisa aquele outro que pudemos viver juntos, de que sempre nos orgulharemos, que amámos para nunca esquecer (Peixoto, 2020, p. 60).

O que observamos é como se o narrador tentasse capturar, a todo momento, os lampejos dessas lembranças que vem à tona, algo que Benjamin destacou crucial no esgotamento da experiência do luto. Para Benjamin (1985, p. 207), “é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa sustância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível”. A cada lembrança, um novo sentido é retrabalhado. A cada história narrada, um novo traço psíquico é retrabalhado em nossa memória (Pollak, 1992).

Neste ponto reside a nossa reflexão. Ao mesmo tempo que o narrador busca acessar suas lembranças para dar luz as suas memórias, suas memórias também são retrabalhadas. Afinal, é no silenciamento, na ausência desse sujeito-pai, que suas lembranças se manifestam. O processamento do luto na escrita é o que permite com que as memórias sejam confrontadas com o tempo presente. Para Sarlo (2007, p. 9), “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente”.

Nestas divagações, vemos que as memórias da infância são recuperadas diante desta partida. Sobre a primeira vez que dirigiu um carro, as lembranças confrontam esse narrador: “Agora, sento-me no teu lugar de contudo. Lembro o que me ensinaste, o que aprendi [...] Os teus gestos, a forma das tuas mãos a segurar o volante; a forma das minhas mãos, o volante, os meus gestos” (Peixoto, 2022, p. 23-24). Mas a verdade é que esse movimento de reconstruir o passado, tal como acontecera, não existe, como defende Pollak (1992). Mas, tomada por esse sentimento de contemplação do passado, há uma tentativa de enquadrar essas memórias afetivas, “imortalizar” a imagem afetiva de um pai carinhoso, bondoso. E, de fato, é como se o

narrador estivesse, ainda que num processo inconsciente, tentando dar uma certa unidade à imagem que constitui sobre esse pai.

Nesta direção, o narrador se vê em uma posição de encontro/confronto consigo mesmo face a essas lembranças que persistem em assolar, diante da impossibilidade de “preservação” da memória. Neste ponto, vemos também como as memórias podem ser confabuladas, imaginadas, como acredita Huyssen (2000). Nessa obsessão do indivíduo com o passado, muitos fatos podem ser alterados de forma intencional ou não intencional. Como apresentado por Henriques e Musse (2019), o que acontece é que ao recuperar determinadas reminiscências, resquícios dessas lembranças, o indivíduo retrabalha esse recorte, com os recursos que possui, dada a carga emocional que permeia esse processo de contemplação. É a partir deste estado de ser e estar no mundo que novos traços se incorporam a essa memória, outros traços ganham volume, enquanto outros são repensados e retrabalhados.

No caso dessas reminiscências do narrador, notamos que nesse processo de volta ao passado, como a primeira vez que dirigiu o carro, as lembranças parecem retornar com uma riqueza de detalhes. O narrador se recorda dos gestos das mãos, a forma como o pai auxiliava nesse processo de aprendizagem. Para os estudiosos do campo da memória, seja pela perspectiva sociológica ou do campo da neurociência, parece ser uma tarefa difícil determinar com precisão se, de fato, as lembranças relatadas pertencem às memórias vividas por tabela ou memórias confabuladas, imaginadas, a partir da ausência, da contemplação ao passado. O silenciamento, muitas vezes, é o recalçamento de lembranças, que pode se dar em níveis conscientes ou inconsciente, como defende Pollak (1992).

Nesta direção, há de se salientar, sobretudo, que estas transferências, projeções são, propriamente, recortes da memória de quem escreve, e que fornece ao leitor aquilo que deve ser silenciado e o que deve ser empreendido pela memória. Nota-se que, por vezes, a descrição sistemática da dor e a austeridade dos detalhes que criam essa angústia são, por definição, os recortes mais coniventes ao narrador, nesta tentativa de preservar a memória (afetiva) coletiva sobre esse sujeito-pai. Assim, podemos considerar, sobretudo, que a história que nos é contada por este narrador nada mais é que um relato coordenado, previamente organizado por quem relata.

Contudo, não descartamos, também, uma forma de vivenciar uma experiência terapêutica na escrita formas de recuperar lembranças que estiveram recalçadas ou silenciadas. Lembranças que escaparam à primeira vista, que estiveram recalçadas. Lembranças que não são mais empreendidas pela memória de quem narra. Como dito por Rios (2013), à luz dos

estudos de Pollak (1992), o que não é dito é silenciado. Entretanto, este silenciamento, muitas vezes, acontece no plano do inconsciente. Afinal, existem lembranças que nos marcam mais que outras.

Por outro lado, a constituição deste espaço de memória também permite com que as memórias do leitor sejam acionadas e estimuladas pelo relato do outro, seja pela dor e pela irreversibilidade do tempo que impede o retorno daqueles aos quais depositamos nossos afetos. Na dor do outro somos confrontados somos desafiados a revisitar o nosso passado ou, sobretudo, recondicionar os nossos olhos para as questões extrínsecas a essa relação pai-filho que escapam à nossa vista⁸.

Para Pollak (1992), é desta maneira que devemos enxergar a memória – como um fenômeno em construção, em constante movimento. A memória recebe pressões externas a ela, e essas influem sobre a nossa percepção sobre o mundo, sobre as coisas que nos afetam. “A memória também sofre flutuações que são funções do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem de um elemento de estruturação da memória” (Pollak, 1992, p. 204).

Nos últimos parágrafos da narrativa, ao que tudo indica, na tentativa de se livrar dessa angústia e desse sofrimento, o narrador se despede desse pai:

Pai. Dorme, pequenino, que foste tanto. E espeta-se-me no peito nunca mais te poder ouvir ver tocar. Pai, onde estiveres, dorme agora. Menino. Eras um pouco muito de mim. Descansa, pai. Ficou o teu sorriso no que não esqueço, ficaste todo em mim. Pai. **Nunca esquecerei** (Peixoto, 2022, p. 61, grifo nosso).

Eis, novamente, a ameaça e o medo do esquecimento que o flagela. O narrador se despede com certa extasia, mas reforça o seu compromisso de que nunca se esquecerá deste pai – ou, ao menos, das memórias afetivas que competem a esse pai. E nessa promessa de não esquecimento, o narrador se esforça para capturar parte dessas lembranças na sua escrita, na tentativa de quem sabe, “imortalizar” as memórias do escritor.

Em resposta a esse narrador, Halbwachs (2003), muito provável, rejeitaria essa posição do narrador de preservar a memória. Afinal, cada vez que esse narrador retornar aos seus escritos, suas lembranças não serão as mesmas que constituíra outrora. Para Pollak (1992) existem aí alguns olhares interessante para esse esforço linguístico. Embora ambos os autores concordem nessa impossibilidade de preservação da memória, *Morreste-me* é apenas um

⁸ Neste caso pelo relato do narrador.

recorte de um momento em que essas lembranças foram “cristalizadas” pelo narrador. Ao menos, esse esforço parece trazer um acalento.

Dada os pressupostos teóricos apresentados, poderíamos concordar que, se esse escritor reescrevesse esta obra atualmente, certamente, novas lembranças seriam adicionadas, assim como outras seriam recalçadas. À medida que novos fatos a respeito do passado emergem, essas lembranças são retrabalhadas em exercício inconsciente e consciente da memória. As lembranças que se findam na escrita, no fechamento da obra, não se limitam às impetuosas páginas do livro. Afinal, o passado é “um perseguidor que escraviza ou liberta” (SARLO, 2005, p. 12).

Considerações finais

O objetivo deste trabalho teve como objetivo discutir, a partir das noções de memória coletiva de Halbwachs (2003), memória e identidade de Pollak (1992) e as relações entre o passado e o presente com base nos escritos de Huyssen (2000), a obra *Morreste-me*, do autor português José Luís Peixoto, uma narrativa marcada por uma linguagem poética em tom confessional, cujo título impacta o leitor, na medida em que traz, como afirma Reginaldo Pujol Filho na contracapa da edição brasileira do livro de Peixoto, “um novo olhar sobre as palavras”.

No texto literário ora analisado, a partir do papel do narrador diante do exercício de escrita e vivência do luto, compreendemos de que maneira as memórias são reconstituídas e retrabalhadas na contemporaneidade. A escrita aqui é um momento de reflexão, contemplação do passado, a partir dessa possibilidade do esquecimento que punge e assola. É a tentativa de immortalizar as memórias afetivas de um filho enlutado em relação ao pai.

O que se evidencia ao longo da nossa incursão é o caráter seletivo da memória durante essa vivência do luto na escrita. Como defende Pollak (1992), a memória recalca, exclui, silencia. As lembranças do narrador são, em certa medida, recortes previamente organizados e coordenados na tentativa de cristalizar essas lembranças em uma memória sobre o pai. Embora exista esse esforço do narrador, as memórias não são estáveis e, também, não são preservadas. As memórias são construções do tempo presente e é, portanto, um fenômeno social. E, para além disso, é impossível reconstituir esse passado tal como fora.

Ao analisar a dor do narrador, observamos como as nossas memórias são retrabalhadas diante dessa confrontação do passado, envolvido pelo sentimento de nostalgia, que nos afeta e nos induz a confabular memórias (Huyssen, 2000). O indivíduo se perde nessas reminiscências que são evocadas pela memória. Já não se sabe se dialoga sobre memória vividas por tabelas

ou memórias confabuladas, imaginadas. Assim, vemos que a carga emocional, os afetos, interferem na constituição e reconstituição das memórias.

Morreste-me parece ser uma tentativa de projeção das memórias desse escritor ao dar voz um narrador. O livro funciona como um local de memória, que exerce uma força simbólica, mas que funciona nesse processo de evocação das memórias. Para o leitor, podemos concordar que existe aí também um processo de contemplação das memórias, dado momento que as lembranças depositas nesta obra literária nos interpelam, enquanto sujeitos afetados. As lembranças, o testemunho do outro nos afetam, acionam nossas memórias, nos coloca em um estado de contemplação de nossas lembranças. Daí a força da memória afetiva na literatura de José Luís Peixoto.

Neste artigo, acreditamos que a obra do autor português possibilitou-nos compreender as noções da memória, a partir da incursão no texto literário. Esperamos que essas contribuições ampliem as possibilidades de compreensão sobre as lembranças que constituímos e reconstituímos no tempo presente, a partir dos textos literários que se apresentam, ainda que no âmbito da ficção, recortes interessantes para estudar os fenômenos constitutivos da(s) memória(s).

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- DUVIGNAUD, J. Prefácio. *In*: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. p. 9-17.
- FILHO, Reginaldo Pujol. [Sem título]. *In*: PEIXOTO, José Luís. *Morreste-me*. Porto Alegre: Dublinense, 2017. Orelha.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- HENRIQUES, Rosali Maria Nunes; MUSSE, Christina Ferraz. Memória, história e narrativas: a rememoração do 11 de setembro no Twitter. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 18, n. 32, 2019. DOI: <https://doi.org/10.55738/alaic.v18i32.581>. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/581>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- PEIXOTO, José Luís. *Morreste-me*. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: POLLAK, Michael. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: POLLAK, Michael. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. *Revista Intratextos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-22, jul. 2014. DOI: <https://doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/7102>. Acesso em: 20 dez. 2024.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013. Acesso em: 20 dez. 2024.

Recebido em 07 de novembro de 2023

Aceito em 20 de dezembro de 2024